

4. Conclusão

Poema

A minha vida é o mar o Abril a rua
 O meu interior é uma atenção voltada para fora
 O meu viver escuta
 A frase que de coisa em coisa silabada
 Grava no espaço e no tempo a sua escrita

Não trago Deus em mim mas no mundo o procuro
 Sabendo que o real o mostrará

Não tenho explicações
 Olho e confronto
 E por método é nu meu pensamento

A terra o sol o vento o mar
 São minha biografia e são meu rosto

Por isso não me peçam cartão de identidade
 Pois nenhum outro senão o mundo tenho
 Não me peçam opiniões nem entrevistas
 Não me perguntem datas nem moradas
 De tudo quanto vejo me acrescento

E a hora da minha morte aflora lentamente
 Cada dia preparada ¹

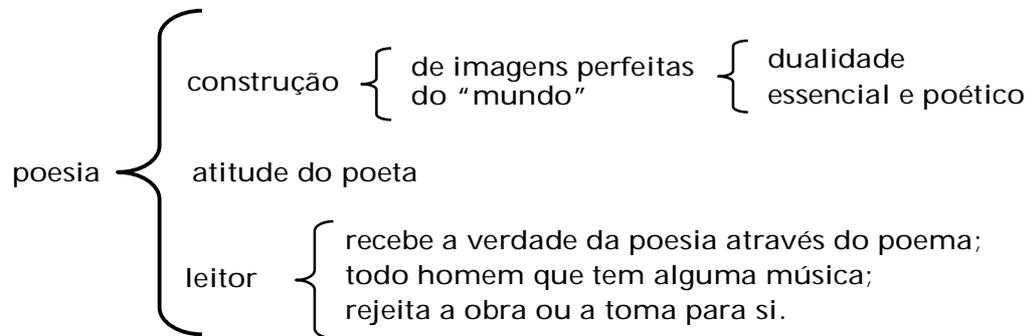
O poema é a voz do “mundo belo-ordenado”. Assim, na sua escrita, o poeta não fala dele próprio, mas sim faz perguntas a si e aos outros sobre aquele mundo e, nas descobertas, se acrescenta. Seu viver é preparação para a morte e por isso não adia seus gestos, antes dispensa atenção a cada um deles, procurando, desse modo, tornar-se íntegro. Essa busca, no entanto, não é pacífica, pois implica o enfrentamento com forças opostas ao bem viver. Portanto, podemos afirmar que a linguagem deste poeta é ação poética e política, sendo sua própria vida. Foi isso que tentamos demonstrar nos três capítulos desta tese *A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen: o poeta e a participação política*.

A título de conclusão, faremos a síntese de tais capítulos. No primeiro, discutimos os ensaios *A poesia de Cecília Meireles, Poesia e realidade, Caminhos da Divina comédia, Hölderlin ou o lugar do poeta, O nu na Antiguidade clássica e Camões: ensombramentos e descobrimentos*. Observamos que a autora de *Coral* revela

¹ ANDRESEN, S. M. B., *Geografia*, 2004, p. 89.

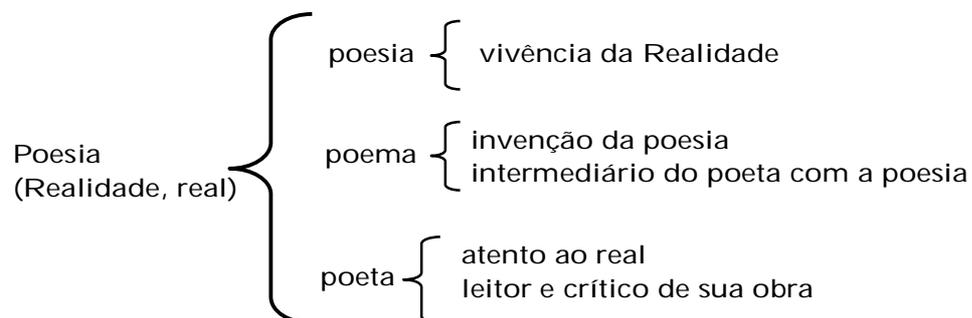
gradativamente sua poética nos mencionados textos, que pode ser esquematizada, para fins didáticos, da seguinte forma:

Em *A poesia de Cecília Meireles*, temos:



sendo a poesia: a) a construção de imagens perfeitas sobre a dualidade, o essencial e poético no “mundo belo-ordenado” (espaço onde as coisas – mar, noite, árvore, pássaro, homem, poema etc - ligam-se através da dualidade) , ou seja, é a mensagem de que a beleza e a verdade da vida consistem na harmonia de tensões contrárias; b) a atitude do poeta no mundo, a mensagem transmitida por meio de sua escrita e ação na sociedade política, subentendida na origem da palavra *poietés*, abrangendo seus múltiplos ofícios de observador, cumpridor de uma missão, fazedor, agente, fabricante, inventor, fabulador, imitador etc; c) o leitor que se encontra com a poesia através do poema.

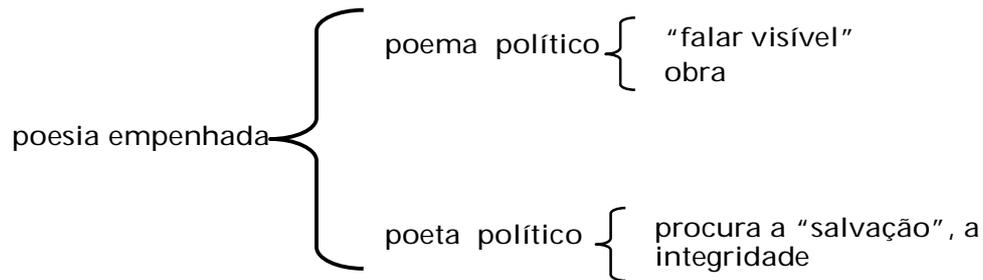
Em *Poesia e realidade*, encontramos:



onde lemos que a Poesia (com maiúscula) constitui a Realidade ou realidade inteira, o real, o mundo em si, enfim, o que existe independentemente do conhecimento do homem; a poesia (com minúscula) é a vivência da Realidade, a descoberta e o

reconhecimento da existência das coisas; o poema é a invenção da poesia, intermediando esta com o poeta, sendo “um objeto a mais no mundo” que encena o sofrimento do homem e a sintonia entre as coisas; o poeta é o homem atento ao real que escreve sobre a impossibilidade de se unir inteiramente a este e, ao mesmo tempo, inventando essa relação no poema, sendo também o primeiro leitor e crítico de sua obra.

Em *Caminhos da Divina comédia*, desenhamos:



em que a poesia política se preocupa com os problemas da comunidade, testemunhando, denunciando e lamentando a injustiça, mas também revelando exemplos da alegria de bem viver; o poema político constitui-se do “falar visível”, ou seja, sua linguagem, “pesada de real e trespassada de visão”, é, por isso, “áspera e austera”. O poema assemelha-se à obra, porque constrói os caminhos da história da sociedade; o poeta político é aquele que se coloca inteiro na vida ao escrever sobre a busca da relação justa – “salvação”, integridade – do homem no lugar e tempo em que vive.

Em *Hölderlin ou o lugar do poeta*, vemos:



onde a poesia é a mestra do ser e sua pátria é a Alemanha do período Romântico, ou seja, os intelectuais que propunham “viver a poesia” para se opor à vida mundana imposta pelo capitalismo burguês; o poeta escreve nos “tempos da indigência”, na

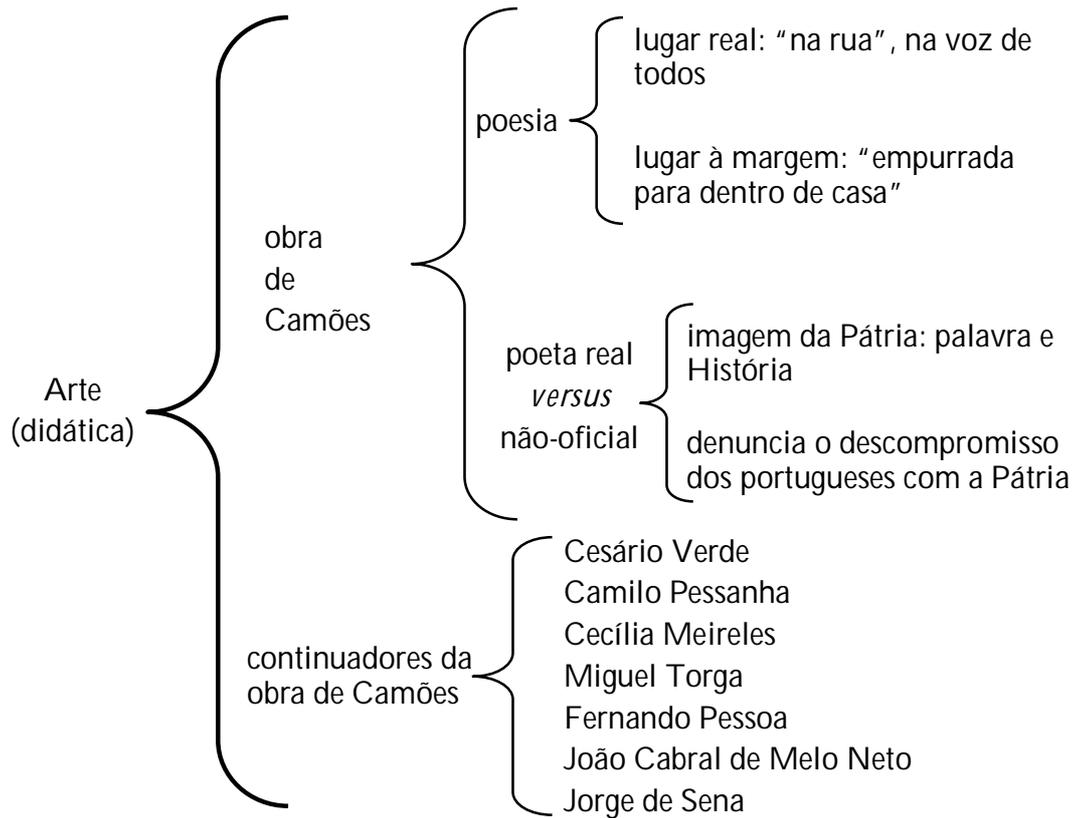
sociedade burguesa, procurando cumprir a missão de decifrar, revelar e invocar a vida sagrada. A marginalização a que é submetido e a coragem de mostrar o mundo “belo-ordenado” fazem dele um homem puro; a obra ensina o homem a reconhecer a maneira de viver degradada e transformá-la segundo a “justa regra”, portando, então, a “santidade”.

Em *O nu na Antiguidade clássica*, destacamos:



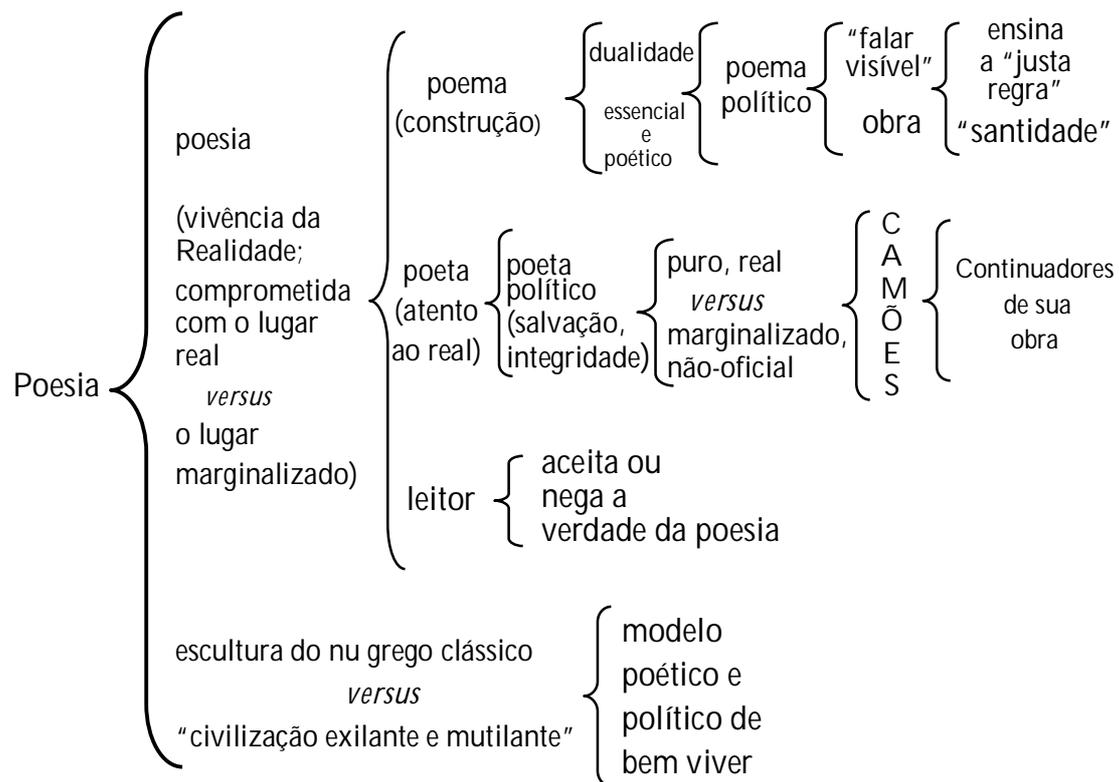
sendo a escultura do corpo humano, na Grécia clássica, a revelação da proporção e do ritmo da consciência que se conhece, ou seja, do homem, que é um microcosmo e traz em sua constituição o “mundo belo-ordenado”; o *Kouros*, escultura do nu do período arcaico, a captação dessa totalidade do homem; o nu do período clássico, a imagem do enfrentamento dos homens na procura da “justa regra” de viver. Nesse período, o homem é mostrado no exercício da ética, construindo sua integridade, constituindo-se essa escultura num projeto de vida para o homem perfeito; e o nu do período helenístico, a revelação do olhar para a diversidade do homem, sua relação com os outros de diferentes culturas. Esses três modelos de “mundo belo-ordenado” revelados pela arte grega clássica são propostos como alguns dos múltiplos modos de o homem recusar-se a viver segundo a imposição da “civilização exilante e mutilante”.

Em *Camões: ensombramentos e descobrimentos*, mostramos:



em que a arte possui caráter didático, pois ensina, junto com o exercício da palavra, a interação com a diversidade cultural, construindo a história numa constante atitude crítica; a poesia deveria ocupar seu lugar, a rua, através da voz de todos, sendo, no entanto, confinada aos lugares onde ainda se exerce a liberdade, como nas casas das cidades no “tempo dividido”; Camões é o exemplo do artista preocupado com a vida na comunidade política. Em decorrência, denuncia a falta de compromisso dos portugueses com sua língua e história, revelando, simultaneamente, o significado da Pátria em sua obra. Por isso, ele é o poeta real e não deve ser apropriado pelo discurso oficial dos representantes do “tempo dividido”. A importância da continuação da experiência didática transmitida por Camões é mostrada por outros poetas portugueses, tais como Cesário Verde, Camilo Pessanha, Cecília Meireles, Miguel Torga, Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto e Jorge de Sena, que repetem, reinventando, a lição daquele.

Os ensaios anteriormente referidos desvelam, de forma gradativa, a poética andreseniana, podendo ser reunidos no esquema a seguir desenhado:



onde a Poesia abrange todas as linguagens da arte, sendo, então, priorizada a poesia, complementada com a escultura do nu grego clássico, modelo de uma cultura em que o exercício da poesia significa bem viver; esta consiste, portanto, na vivência da realidade. Estando, porém, sua voz em risco de ser silenciada, a poesia assume o seu real lugar de testemunhar a injustiça e cantar a alegria da vida; o poema constitui-se no “falar visível”, construção de imagens que ensina a “justa regra” de viver, possuindo, dessa forma, a “santidade”; o poeta, ao revelar a integridade no “tempo dividido”, é marginalizado, mas não perde sua pureza nem a coragem de olhar criticamente o tempo e lugar onde habita, como o fez Camões e o fazem os continuadores de sua missão; por fim, a poesia alcança o leitor, que aceita ou rejeita sua (dela) verdade, conforme tenha ou não “entendimento poético das coisas”.

Portanto, os desenhos anteriormente apresentados demonstram não apenas o entrelaçamento da poética e da política, mas também desvelam a necessidade da poesia, do poema e do poeta políticos na “civilização exilante e mutilante”.

No segundo capítulo desta tese, demonstramos, sem pretender esgotar a questão, quatro ofícios do poeta para cumprir a missão de desvelar o “mundo belo-

ordenado”. Assim, o poeta denuncia o terror a que são submetidos os homens no pós-guerra e nas ditaduras que se seguem àquele período, algumas vezes recordando a violência provocada em lutas de épocas anteriores aos dois grandes conflitos mundiais. Embora testemunhe essa realidade negativa, motivo pelo qual é marginalizado, visto como louco e rebelde, ele conserva a pureza e a coragem para propor aos homens no “tempo dividido” experimentarem outro modo de viver, segundo a inteireza da poesia.

Analisamos também que, para mostrar a necessidade de construir bem viver, o artista aborda o tema da morte significando vida de outra ordem, de maneira que o homem redescobre o caráter sagrado da vida, reconhece a importância da felicidade fruto da relação consigo e com os outros na comunidade civil, bem como se responsabiliza em continuar a causa de um morto por quem ele tem estima, fazendo, assim, a pessoa querida reviver.

Discorremos, ainda, sobre o tema da morte, na obra andreseniana, correspondendo a um dos processos de despersonalização por meio do qual o poeta convida ao desnudamento dos conceitos e pré-conceitos fixados pelos “regimes de verdade” nas culturas. Por isso, o poeta inventa o próprio desnudamento, preparando-se ao fazer artístico. Em decorrência e por extensão, somente após essa espécie de ritual de purificação, o homem descobre e reconhece a poesia e a vida, tornando-se apto a iniciar uma relação renovada na comunidade política, dedicando atenção a cada gesto e palavra.

Discutimos, a seguir, que este acordo implica a participação de todas as coisas na construção do “mundo belo-ordenado”, sendo o homem uma delas, ou seja, olhado na relação “um com todos”. O poeta oferece alguns exemplos da harmonia de tensões opostas. Dentre eles, o homem no exercício artístico e as mulheres banhando-se no mar.

Demonstramos que, no projeto poético e político, há o convite para religar a *physis* ao *logos*, de maneira que a existência, a liberdade, a língua materna e a poesia sejam experimentadas segundo o equilíbrio de forças contrárias. Há também, no mencionado projeto, a busca da reconstrução da cidade em que o homem exercite o bem viver. Por isso, há o ato de fé ao deus da poesia, no qual o poeta se compromete com a missão de tornar real o sonho ou projeto, sendo este a sua verdade, colocada em oposição àquela imposta na sociedade do “tempo dividido”. Juntamente com o anúncio daquela verdade, há a denúncia da injustiça na cidade, tendo em vista que o referido projeto ensina o reconhecimento das coisas pelo método nietzscheano do golpe do martelo, em que é exercida crítica constante sobre o discurso da comunidade como

forma de eliminar ações esvaziadas de significado e discutir, junto com os outros homens, sobre a necessidade de outras ações que favoreçam o bem viver.

Concluimos esse segundo capítulo comparando os ofícios do poeta com os do legislador e do juiz na sociedade grega clássica.

No terceiro capítulo, analisamos ser o poema a imagem de um homem construído de palavras, modelo da ligação da poesia com a vida. Demonstramos o processo pelo qual o artista busca, encontra e escreve o poema como se o gravasse com um punhal no corpo de um estranho, repetindo ou reinventando a ação de um escultor, segundo narra uma lenda espanhola. Ao mesmo tempo em que o “poema-homem” nasce desse golpe de punhal, o poeta identifica-se com a vítima, descobrindo e revelando o sofrimento dos outros, causado pela injustiça. Nesta parte, a preocupação social na obra andreseniana torna-se mais evidente.

Discutimos, também, a construção do texto que encena a dualidade e a partilha entre os homens, sendo esta o amor-doação aliado à crítica social. Neste caso, o poema é exemplo para os outros homens de quem busca essa relação, assim como na Grécia arcaica o *Kouros* era o modelo da totalidade do homem. O poema é também o outro que dialoga com as culturas diversas para redimensionar o modo de viver em comunidade.

Demonstramos, ainda, o convite do “poema-homem” para os outros homens se reconhecerem e descobrirem a vida, reinventando a viagem das navegações, precisando, para isso, de uma vestimenta adequada ao lugar onde deseja chegar. Na viagem, o “poema-homem” enfrenta derivas, as quais são imagens do testemunho da desonestidade e humilhação, dentre as várias formas de violência aos outros, mas também desvela dois “mundos”, o “antigo”, a Grécia, modelo da “justa regra de viver”, e o “novo”, o Brasil, módulo da busca da vida digna pela maneira como os homens empregam a língua e se relacionam nas cidades. A viagem termina com a revelação de que o fazer artístico é uma espécie de navegação.

Discutimos, também, as intervenções do “poema-homem” na vida, convidando os outros a fazerem mudanças, citando os lugares e as pessoas que participaram de transformações políticas através da denuncia da opressão, desejando, enfim, que sua voz se confunda com a voz do leitor na busca da justiça.

Analisamos, a seguir, o modo como o “poema-homem”, em primeiro lugar, louva o fato de o projeto poético e político, longamente construído, ter se tornado possível; em segundo lugar, execra seu fracasso parcial e, por fim, reconfigura-o, para buscar outro momento em que ele possa ser novamente colocado em execução.

Neste terceiro capítulo, verificamos serem mais intensas as imagens do enfrentamento entre os homens na sociedade política, através das quais são narradas não apenas a deposição e substituição de governantes opressores em Portugal por aqueles que inicialmente desejavam realizar um governo onde as relações fossem baseadas na liberdade, mas também a amargura com a volta da exacerbação do poder e da cobiça pelos recém-representantes do país. O enfrentamento, por isso mesmo, continua, e o “poema-homem” refaz seu projeto com o entusiasmo da primeira vez.

A tese por nós demonstrada encontra recorrências na imagem que alguns poetas fazem de Sophia Andresen, onde esta é mostrada como a aliança do fazer artístico com a vida, conforme citamos a seguir. Jorge de Sena dedica:

A Sophia de Mello Breyner Andresen enviando-lhe
um exemplar de *Pedra filosofal*

Filhos e versos, como os dás ao mundo?
Como na praia te conversam sombras de corais?
Como de angústia anoitecer profundo?
Como quem se reparte?
Como quem pode matar-te?
Ou como quem a ti não volta mais?
1950²

Para Sena, Sophia Andresen possui múltiplas maneiras de fazer poesia, concentradas na sintonia perfeita com as coisas, no sentimento e expressão do sofrimento dos homens, na partilha, desejando ser “um com todos”, no perigo em que ela se coloca por causa das mencionadas atitudes e na aceitação da morte de pessoas de sua estima. Em suma, ela escreve versos do mesmo jeito que doa seus filhos ao mundo. Se, a propósito disso, lembramos que, para a autora de *Mar novo*, o poema é dado pelos deuses ou “mundo belo-ordenado”, entendemos que Sena constrói a imagem desta amiga de acordo com o “mundo belo-ordenado”.

Para Manuel Alegre, Sophia Andresen é o poema:

Sophia

Da lusitana antiga fidalguia
um dizer claro e justo e franco
uma concreta e certa geometria
uma estética do branco
debruada de azul.
Sua escrita é de nau e singradura
e há nela o mar o mapa a maravilha.

² ANDRESEN, S.M.B., In: *Sophia de Mello Breyner & Jorge de Sena - Correspondência*, 2006, p. 25.

Sophia lê-se como quem procura
a ilha sempre mais ao sul.³

Manuel Alegre capta a dualidade na figura de Sophia Andresen, a origem nórdica, nobre, significando a excelência de caráter do homem aristocrata (segundo afirma Aristóteles) que se mistura à peninsular, corajosa por seu enfrentamento com o desconhecido de além-mar. A primeira raiz reúne ainda a objetividade da linguagem à necessidade de descobrir e interagir com outras culturas da segunda. Manuel Alegre revela, assim, que a procura da “ilha sempre mais ao sul” é tão antiga quanto a existência dos povos de onde se origina a autora de *Livro sexto*, pois eles se constituem de viajantes por terra ou por mar. Enfim, “Sophia lê-se” através de sua própria escrita, onde escreve sua vida. Podemos, então, afirmar, orientados pelo olhar de Manuel Alegre, que ela é o poema.

O poeta brasileiro Heleno de Oliveira, no livro *As sombras de Olinda*, cita a amiga Sophia Andresen em vários poemas, dos quais destacamos o seguinte:

A luz dos mitos escorre das colinas.
Eu subo solto o Largo da Graça.
Escuto o canto claro de Sophia
Senhora negra grega e lusitana
Capaz de reunir ao deus ausente
Os deuses exilados do poente.⁴

Para Heleno de Oliveira, a luz de Sophia Andresen irradia o mito da poesia que ilumina a cidade de Lisboa, “A luz dos mitos escorre das colina”, enquanto ele, amigo, poeta e pesquisador, vai ouvir seu “canto claro”. Também este poeta desenha a figura da amiga com três adjetivos em “Senhora negra grega e lusitana”. No poema anterior, de Manuel Alegre, já discutimos em que termos a palavra lusitana se configura. A segunda palavra, “grega”, certamente deve-se à cultura modelar de bem viver poética e politicamente daquela civilização, segundo a autora de *Coral*. A palavra “negra”, sobretudo, revela um terceiro elemento na constituição da obra andreseniana, a alteridade, entendida não apenas como a preocupação com o sofrimento do outro, mas também como a procura de se relacionar com o diferente das variadas culturas, sendo, assim, ela, inteira, isto é, “Capaz de reunir ao deus ausente/ Os deuses exilados do poente”.

³ ALEGRE, M. Apud ANDRESEN, S. M. B. Entrevista a José Carlos Vasconcelos, 1991, p. 9.

⁴ OLIVEIRA, H. de. *As sombras de Olinda*, 1997, p. 52.

A imagem mostrada por Heleno de Oliveira assemelha-se a assertiva da autora de *Coral* de que o poeta se coloca inteiro na vida quando revela a relação justa com as coisas. Neste caso, podemos afirmar que Sophia Andresen é o exemplo desse poeta.

Outro poeta brasileiro, João Cabral de Melo Neto dedica à autora de *Mar novo* este poema:

Elogio da usina
e de Sophia de Mello Breyner Andresen

O engenho bangüê (o rolo compressor,
mais o mojolo, a moela da galinha,
e muitas moelas e moendas de poetas)
vai unicamente numa direção: na ida.
Ele faz quando na ida, ou ao desfazer
em bagaço e caldo; ele faz o informe;
faz-desfaz na direção de moer a cana,
que aí deixa; e que de mel nos moldes
madura só, faz-se: no cristal que sabe,
o do mascavo, cego (de luz e corte).

2.

Sophia vai de ida e de volta (e a usina);
ela desfaz-faz e faz-refaz mais acima,
e usando apenas (sem turbinas, vácuos)
algarves de sol e mar por serpentinas.
Sophia faz-refaz, e subindo ao cristal,
em cristais (os dela, de luz marinha).⁵

Para João Cabral, a beleza do fazer artístico de alguns poetas é a imagem do engenho banguê. Assim como este mói a cana para ser colocada nos moldes onde se tornará açúcar mascavo, cristal escuro que não pode ser cortado, o poeta escolhe a palavra para tornar concreto aquilo que deseja expressar, colocando-a na forma de onde surge o poema, belo e perfeito, “... e que de mel nos moldes/ madura só, faz-se”. Essas palavras, no entanto, ficam presas no texto, dificultando o diálogo com o leitor e a transformação da voz daquele na voz deste, “... no cristal que sabe, o do mascavo, cego (de luz e corte).”

Pelo contrário, o fazer poético de Sophia Andresen, para João Cabral, assemelha-se à usina de açúcar, realizando movimentos múltiplos de ida, volta, desfazendo-fazendo e fazendo-refazendo, procurando tornar mais claro o poema. Essa escrita funciona a “... vácuos/ algarves de sol e mar por serpentinas”. Logo, seu poema

não é feito com um molde, sendo a imagem do açúcar cristal, delicado, leve e espontâneo, “de luz marinha”, propagando-se com beleza e certa facilidade, alcançando, assim, o leitor. Dessa maneira, João Cabral revela não apenas a transparência, a leveza e o rigor da linguagem poética, mas também a repetição ou reinvenção necessária dos variados temas nessa obra, na constante procura de religar a beleza da poesia e da vida.

Através da figura que o poeta brasileiro constrói da autora de *Livro sexto*, podemos afirmar que Sophia Andresen é a sua poética, desenvolvida nos ensaios e concretizada ao longo de sua obra.

Jorge de Sena, Manuel Alegre, Heleno de Oliveira e João Cabral de Melo Neto confirmam, através de seus poemas, que a poesia andreseniana desvela a vida de sua autora, íntegra, porque atenta e rigorosa na multiplicidade dos olhares lançados para o lugar e tempo em que habita e no convite para os outros homens a ela se juntarem na busca da sintonia perfeita.

Após a retomada de nossa análise nos três capítulos, concluímos a tese *A poesia de Sophia Andresen: o poeta e a participação política*, afirmando ser a missão deste revelar a beleza da vida. Todavia, por causa da predominância do modo burguês e capitalista de viver, levando os homens a agirem como autômatos e a visarem mais ao lucro material que ao usufruto dos bens adquiridos entre todos os integrantes dessa sociedade, o poeta alia a sua missão à necessidade de criticar esse desequilíbrio, a fim de os homens presos àquele regime repetirem, reinventando, não somente a contestação da injustiça, mas principalmente, a descoberta da vida plena. Esta é a poesia e exige aos homens integridade para ser experimentada.

O poeta coloca-se, então, como exemplo do homem íntegro, entrelaçando o fazer artístico e a vida partilhada na comunidade onde habita. Sophia Andresen, em particular, “inventa” que a poesia é uma viagem marítima de descobrimento, na qual o poeta, inicialmente, é o capitão, conduzindo os passageiros aos poemas, imagens dos diferentes lugares, onde encontram a dor humana e também o maravilhamento. Ao longo da viagem, entretanto, o poeta apresenta outro capitão, o poema, que exige aos homens despirem-se de suas vestes e colocarem outras adequadas aos lugares que visitarão. Nessa invenção, o poema é também o escrivão da viagem, e na sua escrita há o desencanto com a injustiça entre os homens, mas principalmente a alegria da partilha

⁵ MELO NETO, J. C. de. *A educação pela pedra*, 1979, p. 12.

da vida. Assim, a autora de *Coral* revela o cuidado do homem consigo e com os outros a fim de construir o bem viver na comunidade política.

Dizendo com outras palavras, Sophia Andresen é o poeta que realiza a missão proposta a todos os homens de revelar a beleza da vida, pois participa da construção da história através da poesia e da vida, tornando estas a sua obra.